

# EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE E PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: PERMANÊNCIA E MUDANÇA NO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE

Glauce Cortêz Pinheiro Sarmiento <sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de propor reflexões sobre o pensamento de Paulo Freire ao longo de sua trajetória, a partir da discussão de duas de suas obras: *Educação como prática da liberdade e Pedagogia da Autonomia*. A primeira, obra escrita em 1965 e publicada em 1967, apresenta uma tentativa de compreender o contexto político e social brasileiro da época, identificando a importância da educação no sentido de possibilitar aos educandos e educandas a compreensão das tarefas de seu tempo. Neste livro é exposto o método de alfabetização que levou seu nome. A segunda obra, última publicada em vida e quase 30 anos após *Educação com Prática da Liberdade*, no ano de 1996, traz ponderações sobre a formação docente, convidando educadores e educadoras à reflexão sobre as exigências da profissão, entre elas o pensamento crítico sobre a própria prática e a disponibilidade para o diálogo. Há neste momento uma preocupação evidente com uma prática pedagógica progressista, atenta à autonomia dos educandos. No intervalo de tempo entre as duas publicações, muitas coisas aconteceram. Paulo Freire realizou uma série de experiências em diversos países do mundo, em decorrência de seu exílio, pós-golpe civil-militar. Seu retorno definitivo ao Brasil só veio a acontecer após a anistia, em 1980. Considerando esses aspectos, nos indagamos sobre o que há de permanência e mudança nestas duas obras de Paulo Freire? Quais de suas reflexões sobre a educação vão se fortalecendo ou se transformando nestes escritos? Respostas iniciais sugerem que a dialogicidade e a compreensão de que a educação não se faz sobre, mas com as pessoas, são pressupostos fundantes e permanentes de seu pensamento. Como mudanças ficam evidentes o significado atribuído à conscientização e os referenciais teóricos em que se apoia ao organizar seu pensamento.

**Palavras-chave:** Paulo Freire. Pedagogia da Autonomia. Diálogo. Pensamento de Paulo Freire.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a refletir sobre o desenvolvimento do pensamento de Paulo Freire ao longo de sua trajetória, com base na análise comparativa de duas obras: *Educação como Prática da Liberdade e Pedagogia da Autonomia*. Publicado em 1967, o primeiro livro foi escrito durante o exílio de Freire no Chile e buscava compreender o contexto social e político brasileiro dos anos 1960, propondo uma educação que formasse os sujeitos a compreender as questões de seu tempo. Já o segundo, publicado em 1996, quase três décadas depois, aborda as exigências da formação docente, com ênfase na prática pedagógica progressista e na autonomia dos educandos. Nesse intervalo, Freire

---

<sup>1</sup> Doutoranda do curso de Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, [glauce.sarmiento@ifrrj.edu.br](mailto:glauce.sarmiento@ifrrj.edu.br).

viveu experiências em diversos países devido ao seu exílio após o golpe militar de 1964, retornando definitivamente ao Brasil em 1980.

A pesquisa realizada neste estudo tem como foco identificar as permanências e transformações no pensamento freiriano entre essas duas obras. O estudo é fundamentado em uma análise bibliográfica, considerando o contexto histórico de produção dos livros, os referenciais teóricos utilizados, e os conceitos recorrentes ao longo de suas reflexões. Questões como "Quais elementos do pensamento de Freire permaneceram ou se transformaram ao longo do tempo?" e "Como as experiências de vida e o contexto influenciaram essas mudanças?" orientaram a análise, que teve como principais referências, além dos textos do próprio Freire, os estudos de Ângela Antunes, Celso Beisiegel, Afonso Scocuglia e Moacir Gadotti.

Os resultados indicam que, embora haja mudanças, como por exemplo no referencial teórico adotado e no sentido atribuído à conscientização, certos aspectos se mantêm presentes ao longo de toda a obra. A ênfase no diálogo e na importância de educar com os educandos, e não sobre eles, é um elemento constante, revelando a centralidade da dialogicidade em seu pensamento.

Com essa análise, o artigo contribui para um entendimento mais amplo e crítico do pensamento de Paulo Freire, mostrando que seu legado precisa ser estudado a fundo para ser compreendido em toda sua complexidade.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Paulo Réglus Neves Freire, nascido em 19 de setembro de 1921, em Recife, completaria 103 anos em 2024. Passados 27 anos de seu falecimento, em 2 de maio de 1997, muito de sua obra ainda precisa ser explorada por educadores e educadoras brasileiras, não obstante a falsa ideia de que somos todos forjados freireanos e freireanas em nossos cursos de formação de professores, em universidades, especialmente as públicas.

A impressão que tenho, e que tem sido debatida no grupo de pesquisa<sup>2</sup> de que faço parte, é que estudamos pouco Paulo Freire, conhecendo superficialmente suas obras e sua história. Nos cursos de formação inicial de licenciandos e licenciandas em Pedagogia, de 5 grandes universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro - UFRRJ, UFF, UFRJ,

---

<sup>2</sup> Grupo de Pesquisa Estudos Freireanos Contemporâneos e Currículo, vinculado à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e coordenado pelo professor Aristóteles de Paula Berino.

Unirio e Uerj<sup>3</sup> - nenhuma disciplina obrigatória é destinada especificamente à Paulo Freire e sua obra. Embora alguns textos de Paulo Freire sejam de fato incluídos na bibliografia de determinadas disciplinas ao longo dos cursos, uma análise preliminar das matrizes curriculares indica que a alegação de que professores no Brasil são sistematicamente doutrinados pela teoria freireana, e que posteriormente seguem doutrinando alunos e alunas nas escolas e universidades públicas, carece de fundamento.

O imaginário de que Paulo Freire é perigoso, subversivo e inimigo do Brasil ganhou força nos últimos anos, sobretudo com a ascensão da extrema-direita e do bolsonarismo, mas não é um fenômeno recente. Em 1964, no início da Ditadura militar que assombrou o Brasil por 21 anos, Freire foi um dos primeiros brasileiros a serem exilados. Após ficar 72 dias preso, partiu para o Chile, onde permaneceu por cinco anos. Sua trajetória em outros países não se encerra aí, mas quando volta definitivamente para o Brasil, em 1980, após a anistia. Nesse ínterim, tem experiências nos Estados Unidos e em Genebra, na Suíça:

Em abril de 1969, Paulo Freire transferiu-se para os Estados Unidos. Lecionou em Harvard até fevereiro de 1970, em estreita colaboração com grupos engajados em novas experiências educacionais tanto em zonas rurais quanto urbanas. Nos dez anos seguintes, foi consultor especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra (Suíça). Nesse período, deu consultoria a vários governos do Terceiro Mundo, principalmente na África (Antunes, 2014, p. 387).

Na volta ao Brasil, em junho de 1980, se colocou em um movimento de “reaprender” seu país, como gostava de dizer.

Sua obra é profundamente marcada pela própria história de vida, sendo considerada um tanto autobiográfica, na medida em que “apresentava em seus livros não só seu pensamento sobre educação, mas também as reflexões sobre sua forma de ‘estar sendo no mundo’ e sobre sua aprendizagem ao longo da vida (Antunes, 2014, p. 377). Assim, nos anos de 1950 e início de 1960, projeta em sua escrita as vivências no Nordeste do Brasil, na metade dos anos de 1960, toda a experiência na América Latina e Europa, e a partir de 1970, em África (Scocuglia, 2018).

Esses contextos, tão diversos, vão marcando sua trajetória e pensamento, que adquire formas particulares ao longo de sua história. Desse modo, sua obra não apresenta a linearidade esperada de grandes intelectuais, mas vai se modificando e se apoiando em

---

<sup>3</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Universidade do Estado do Rio de Janeiro

um quadro teórico que ajude a compreender/teorizar o que experiencia. Por isso, podemos afirmar, no decurso dos quarenta anos de práticas educativas e produção teórica, “a existência de vários Paulo Freires interligados” (Scocuglia, 2019, p. 25), o que explica a complexidade do seu pensamento.

É o próprio Paulo Freire que, em *Pedagogia da Autonomia* (2023), ao tratar da necessidade, a quem ensina, de se saber inacabado, confirma a disponibilidade para a mudança:

Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se. Repito, porém, como inevitável, a *franquia* de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo. Minha *franquia* ante os outros e o mundo mesmo e a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento (Freire, 2023, p. 49-50).

Compreender Paulo Freire e a complexidade de sua obra requer uma disposição para o diálogo com o texto, bem como disposição para reconhecer as transformações que o educador promove ao longo de sua trajetória como pensador da educação.

## **METODOLOGIA**

Este artigo é fruto de uma pesquisa bibliográfica que buscou identificar as permanências e mudanças no pensamento de Paulo Freire ao longo de sua trajetória na educação. Para isso, tomamos como material de análise duas de suas obras, escritas com ampla distância temporal. O livro *Educação como Prática da Liberdade*, escrito durante o exílio de Freire no Chile e publicado em 1967 e o livro *Pedagogia da Autonomia*, último publicado em vida, no ano de 1996.

Nas análises são considerados os seguintes aspectos: Contexto de produção e publicação das obras, quadro teórico adotado por Freire, papel atribuído à educação e conceitos/termos que se repetem nas duas obras (esperança).

Para realização das análises, além das próprias obras de Freire, nos apoiamos em estudiosos de seu pensamento como Ângela Antunes, Celso Beisiegel, Afonso Celso Scocuglia e Moacir Gadotti.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

*Educação como prática da liberdade* foi escrito em 1965 e publicado em 1967, sendo considerado o 2º livro do educador, já que a tese que escreveu para o concurso por

uma cadeira na Universidade de Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e se transformou no livro *Educação e Atualidade Brasileira*, é considerada sua primeira obra.

Ao escrever *Educação como Prática da Liberdade*, Paulo Freire se encontrava no Chile, onde buscou exílio após o golpe militar que instaurou a ditadura no Brasil, em 1964. O livro apresenta uma tentativa de formular uma teoria de compreensão do contexto político e social brasileiro da época, que Freire (1999) definiu como em transição de uma sociedade fechada, “colonial, escravocrata, sem povo” (Freire, 1999, p. 73) para uma possível sociedade democrática, movimento que dependeria de “uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática” (Freire, 1999, p. 97). Ou seja, as mudanças sociais em curso traziam a necessidade de uma outra educação, que viabilizasse a compreensão de educandos e educandas sobre os temas e tarefas de seu tempo, possibilitando, assim a decisão, a responsabilidade social e política.

É neste texto também que aparece exposto o método de alfabetização que levou seu nome e sobre o qual Freire destaca a importância do diálogo com os educandos e educandas, que devem ser participantes da própria alfabetização, entendida como uma atividade que ultrapassa o simples domínio da técnica de leitura e escrita. Para Freire (1999), a alfabetização:

Implica numa autoformação de que possa resultar uma postura interferente do homem sobre seu contexto. Daí que o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto, sobre situações concretas, oferecendo-lhe simplesmente os instrumentos com que ele se alfabetiza. Por isso, a alfabetização não pode ser feita de cima para baixo, como uma doação ou uma imposição, mas de dentro para fora, pelo próprio analfabeto, apenas com a colaboração do educador (p. 119).

Apesar de trazer a ideia de uma educação conscientizadora e de, por isso, ser criticado como intelectual que tentava “bolchevizar o país” (Freire, 1999, p. 130), como ele mesmo aponta em uma nota de rodapé em *Educação como Prática da Liberdade*, na primeira metade da década de 1960, o pensamento de Paulo Freire pode ser vinculado ao nacional-desenvolvimentismo. Como afirma Scocuglia (2019):

Como não poderia deixar de ser, em termos de educação-política, trabalhamos as ligações das propostas do autor com o nacionalismo-desenvolvimentista e com o populismo - marcas fundamentais do período histórico em foco. Indicamos as principais influências teóricas que constroem o pensamento do “primeiro” Paulo Freire, especialmente as correntes existencialistas e personalistas que alicerçam seu pensamento cristão progressista e as influências de intelectuais do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), a exemplo de Álvaro Vieira Pinto (Scocuglia, 2019, p. 19)

A aderência às teorias nacional-desenvolvimentistas também é destacada por Beisiegel (2010), que aponta como referencial teórico adotado até meados da década de

1960 por Freire: Barbu, Mannheim, Ortega Y Gasset, Jaspers, Huxley, Marcel, além dos intelectuais filiados ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb). Após esse período e devido à experiência no exílio, Freire se aproxima do pensamento marxista e marxiano. Assim, é possível identificar que “a mudança era flagrante, o educador passara a movimentar-se num universo teórico bem diferente” (Beisiegel, 2010, p. 84).

Retomando esses primeiros escritos de Paulo Freire, de acordo com Scocuglia (2019), o nacionalismo isebiano pressupunha que seria a burguesia, naquele período, a classe capaz de conduzir o país ao desenvolvimento, por meio do acionamento das reformas de base. Freire apontava a necessidade de criação de uma outra nação, mais justa, democrática, moderna e liberal.

Como bem analisa Scocuglia (2019), nesta fase o conceito de conscientização, que para as classes populares tinha na alfabetização enorme importância, tem contornos distintos dos adotados mais tarde: “A conquista da criticidade, para Paulo Freire, não passava (ainda) pela questão dos conflitos entre as classes sociais e, assim, não significava a busca da ‘consciência de classe’ para os subalternos” (p. 50).

Se em *Educação como Prática da Liberdade*, há o que alguns teóricos consideram como primeiro Paulo Freire, quais os contornos do pensamento em *Pedagogia da Autonomia*, no que poderíamos nomear de último Paulo Freire?

Nesta obra, publicada em 1996, o contexto de produção e publicação é completamente distinto daquele de *Educação como Prática da Liberdade*. Nesse ano, Paulo Freire há muito retornara ao Brasil, após 15 anos de exílio.

Em *Pedagogia da Autonomia*, livro com mais de 1 milhão de cópias vendidas, Freire convida educadores e educadoras à reflexão sobre as exigências da docência, entre elas a reflexão crítica sobre a própria ação e a disponibilidade para o diálogo. Há neste momento uma preocupação evidente com uma prática pedagógica progressista, atenta à autonomia dos educandos. Segundo o próprio Freire (2023):

A questão da formação docente ao lado da reflexão sobre a prática educativo-progressista em favor da autonomia do ser dos educandos é temática central em torno de que gira este texto. Temática a que se incorpora a análise dos saberes fundamentais àquela prática [...] (Freire, 2023, p. 15).

Paulo Freire (2023), ainda nas *Primeiras Palavras* deste livro, reconhece a retomada de temas já explorados ao longo de sua trajetória e o faz não como uma repetição enfadonha do já dito, mas como reexploração de assuntos que se mostram relevantes e estão diretamente relacionados com novas temáticas emergentes em sua reflexão. Então, em *Pedagogia da Autonomia* são reexaminados pontos como “a inconclusão do ser

humano” (p. 15), a compreensão de que formar é muito mais que treinar destrezas e a denúncia à “malvadez neoliberal” (p. 16), por exemplo.

Nesse período de sua obra, ainda é enfatizada a ideia de não determinismo, a história como possibilidade, quando Paulo Freire discute a necessidade de nos reconhecermos seres condicionados, mas convictos de que não estamos por isso, circunscritos a certo destino:

Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou a realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua *presença* se vá tornando *convivência*, que seu *estar no contexto* vá virando *estar com* ele é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o saber da história como possibilidade e não como *determinação*. O mundo não é, o mundo está sendo (Freire, 2023, p. 74).

É em *Pedagogia da Autonomia* que Paulo Freire reafirma seu comprometimento com os “condenados da terra”. Sobre isso, Moacir Gadotti, no prefácio da 7ª edição do livro de Scocuglia (2019) ressalta que há uma preocupação ética permanente no pensamento de Paulo Freire, seu compromisso com os grupos excluídos e, apesar de alguns autores apontarem fases ou etapas de seu pensamento, indicando reformulações, esse aspecto prevalece ao longo de sua obra, com variância apenas de “certas problemáticas que, estas sim, vão se diversificando e evoluindo” (Gadotti *apud* Scocuglia, 2019, p. 10).

Outro aspecto que permanece, mesmo depois de quase 30 anos de intervalo entre a publicação das duas obras aqui analisadas é a ideia de que o educador precisa conhecer a realidade existencial dos educandos. Este é um princípio que não muda ao longo de sua obra. Se em *Educação como Prática da Liberdade* se evidencia a necessidade de investigação sobre o universo vocabular dos alfabetizandos, gerador das palavras, repletas de significações, que irão ser exploradas em seu processo de alfabetização, em *Pedagogia da Autonomia* se destaca a exigência de respeitar os saberes dos educandos.

O reconhecimento dos saberes dos educandos e das educandas é condição fundamental para a exploração crítica destes. Assim, tanto na investigação vocabular necessária para o trabalho alfabetizador nos círculos de cultura da década de 1960, como na exigência de respeito aos conhecimentos de estudantes, declarado na década de 1990, emerge a obrigação de ir além desses conhecimentos (palavras e saberes), discutindo com os educandos e as educandas as suas condições existenciais. Nesse sentido, Freire (2023) questiona “Por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (p. 32).

Dessa forma, todo aprendizado deve possibilitar a conscientização, fomentando o pensamento crítico sobre a realidade experienciada.

Além dos pontos até aqui apresentados, de acordo com Scocuglia (2019) a obra de Freire tem um fio condutor central que é a relação constante entre educação e política, no entanto este mesmo autor observa que ao longo da trajetória do educador essa relação vai ganhando formas e importância diferentes:

Freire declara que, inicialmente, “não enxergava” este relacionamento e depois descobriu “aspectos políticos” na educação. A partir da produção dos anos setenta, seu discurso registra a inseparabilidade educação-política, bem como busca entender suas respectivas especificidades. Em suma, podemos afirmar a existência de vários Paulo Freire interligados e, assim, compreender a complexidade do seu pensamento (Scocuglia, 2019, p. 24-25)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo ao propor esse artigo foi refletir sobre o pensamento de Paulo Freire ao longo de sua trajetória. Percebemos que a produção do educador está intimamente relacionada com a própria vida e o que vai experienciando: as vivências com a alfabetização no Nordeste, no início da década de 1960, o exílio e as passagens por diferentes países, após 1964 e o retorno ao Brasil na década de 1980. Como afirma Gadotti (2021), tudo que ele escreveu é autobiográfico (p. 19).

Para realizar a análise proposta, nos debruçamos sobre *Educação como Prática da Liberdade*, uma de suas primeiras obras, e *Pedagogia da Autonomia*, última publicação realizada em vida. A partir da comparação entre os dois textos e embasados nas referências de Angela Antunes (2014), Celso Beisiegel (2010), Afonso Celso Scocuglia (2018; 2019) e Moacir Gadotti (2021), compreendemos que o pensamento de Freire é plural, apresentando referências distintas que vão sendo colocadas à medida que suas experiências assim o exigem.

Se podemos identificar permanências em seu pensamento seriam o compromisso permanente com os excluídos, aqueles a quem é negado, de diversas formas, o direito de ser e a relação que faz entre educação e política, embora, inicialmente, esta articulação não seja exatamente reconhecida pelo próprio Freire e sofra mudanças ao longo do percurso teórico.

Outro aspecto que se mantém na análise dos livros é a centralidade do diálogo e do respeito aos saberes dos educandos e das educandas. Em ambas as obras analisadas, destaca-se a necessidade de um processo educativo que respeite e valorize os saberes dos e das estudantes. Para Freire, o aprendizado deve partir da realidade e da experiência de



vida dos alunos, promovendo uma prática pedagógica que possibilite a conscientização e a reflexão crítica sobre o mundo, com o objetivo de transformar a sociedade. Em relação às mudanças, a conscientização aparece inicialmente sem foco explícito na luta de classes, categoria a que se detêm a partir da década de 1970 e o referencial adotado também se desloca em direção a teóricos que fazem análises críticas ao liberalismo.

Enfim, para compreender a complexidade do pensamento de Paulo Freire é fundamental perceber que seus escritos estão repletos de sua vida e compõem um todo que não é linear. Para ser plenamente apreendida, a obra de Paulo Freire deve ser analisada à luz tanto do contexto histórico quanto das experiências pessoais que formaram este grande educador.

### REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Angela. *Paulo Freire*. In: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln Ferreira (orgs.). **Intérpretes do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 377-391.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 77. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2023.
- GADOTTI, Moacir. Centenário de Paulo Freire. [Entrevista cedida a] Ismar de Oliveira Soares. *Comunicação & Educação*, São Paulo, Ano XXVI, n. 2, p. 16-28, jul./dez. 2021. Disponível em: [<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/191288/178682>]. Acesso em: 20/10/2024
- SCOCUGLIA, Afonso Celso. *A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas*. 7. ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.
- SCOCUGLIA, Afonso Celso. *Pedagogia do oprimido (1968-2018): da revolução ao reencontro da esperança*. **Revista Educação em Perspectiva**, v. 9, n. 3, p. 576-591, set./dez. 2018. eISSN 2178-8359.